



## UMA ALEMÃ NO BRASIL: DESLOCAMENTOS E CONFLITOS

Rosana Kamita<sup>1</sup>

Edward Said nasceu em 1935 em Jerusalém, num território ocupado por cristãos palestinos. Em 1948 deixou sua cidade, indo estudar em universidades americanas, faleceu em 2003. Em suas obras são ressaltadas as complexas relações entre cultura e poder, através de seus textos sobre a cultura oriental pensada através do Ocidente.

Said falava sobre o exílio com conhecimento de causa, sendo ele mesmo um dos inúmeros exemplos daqueles que têm que deixar sua terra num deslocamento acompanhado de sofrimento, principalmente pela saudade de seu país de origem e pelo choque cultural.

Como exemplo para a discussão dos estudos culturais, serão expostas as relações que podem ser estabelecidas entre os pressupostos de Edward Said sobre o deslocamento tomando como exemplo o livro *Uma mulher do século passado*, de Emma Hatzky.

Edward Said discorre fundamentalmente sobre o Oriente como invenção do Ocidente. A intenção do autor é mostrar a representação narrativa como mecanismo de dominação e o romance servindo como gênero apropriado às intenções imperialistas.

Said também destacou a cultura como importante fator de hierarquia e subordinação. O dominador espera que os povos dominados acatem com resignação sua “inferioridade” cultural e apreendam uma nova cultura, sem resistência. A relação eu/outro supõe hierarquias, uma estrutura de domínio e isto é destacado pelo autor que expõe os mecanismos através dos quais o poder condiciona determinadas formas de representação literária.

A literatura colabora diretamente para a difusão do Oriente como visão do Ocidente uma vez que o texto adquire uma autoridade maior inclusive do que a própria pretensa realidade que descreve.

Na temática orientalista há generalizações de conceitos, fundamentando-se no eurocentrismo, concepção cultural “naturalmente” aceita por grande parte dos ocidentais. O orientalismo é um sistema de representações, composto de referências que deixam clara a relação dominador/dominado. Durante os anos nos quais predominaram a dominação e soberania ocidentais, o Oriente deixou de ser algo distante e exótico e de certa forma se concretizou através da presença colonial. O orientalismo também foi importante ferramenta no momento de definir estratégias ou de justificar ações, contribuindo para fazer compreensível determinado discurso.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



As fronteiras instituídas delimitam o espaço físico, geográfico e vão além, estabelecendo limites reais e virtuais, que ressaltam as relações sociais entre diferentes povos. Assim, podem ser estabelecidos conceitos a respeito do “outro” e que passam a ser aceitos como verdadeiros, implicando em equívocos dos dois lados, ou muito provavelmente mais de um que de outro lado. O senso comum ocupa um lugar de destaque neste contexto, como por exemplo, partindo do livro *Uma mulher do século passado* utilizado como exemplo, a idéia que os brasileiros faziam dos alemães e a idéia que os alemães faziam dos brasileiros, assim como a que cada um tinha de si mesmo enquanto nação e quantos desencontros partiram daí.

Os estereótipos sobre os imigrantes são muitos. O alerta feito por Said é no sentido de que não devemos nos esquecer da grande diversidade de nações que constituem este mundo e que se todos insistirem, cada um dentro de suas fronteiras, na prioridade e importância de sua “própria voz”, estaríamos condenados a ficar em eterna e penosa discussão. Mesmo porque não se pode falar em cultura genuína, pura, pois todas de certa forma tiveram contribuições, tornando-se heterogêneas.

Edward Said analisa como alguns escritores corroboram com o imperialismo, podendo se depreender de seus textos que consideravam como dever da potência governar e ordenar a vida daqueles sob sua influência. O autor enfoca os impérios ocidentais dos séculos XIX e XX, destacando formas culturais como o romance, considerado por ele interessante tema de estudo por suas ligações com sociedades em expansão, no caso Inglaterra e França.

Quando Said utiliza o termo “imperialismo” pensa na prática, teoria e atitudes de um centro dominante que governa um território distante e quando se refere a “colonialismo” é no sentido de quase que uma consequência natural do imperialismo, com a implantação de colônias nesse território ocupado. Sua crítica é especialmente incisiva quando trata da idéia aceita pelo senso comum de que “certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação. Quando se fala em “imperialismo” remete-se ao significado de um centro dominante que rege um território, já “colonialismo” quase sempre é uma consequência do imperialismo, é a implantação de assentamentos nesses territórios. O imperialismo persiste até hoje, mas seu significado se expandiu, imperialismo e colonialismo são apoiados por formações ideológicas, persistindo a idéia de que certos territórios ou povos “precisam” ser dominados. O objetivo maior é o de transformar o espaço colonial o suficiente para já não parecer de todo estranho aos olhos do dominador.

Depois do período de luta (literalmente) contra os intrusos estrangeiros, vem o período de resistência cultural, no qual são feitos esforços para que o território mantenha suas características



culturais mesmo sob as pressões do sistema colonial. Unir-se contra essa tentativa de subjugação pela cultura, buscando manter a identidade, valorizando a origem nacional, sua própria história. Essa oposição contra uma estrutura dominante surge quando se toma consciência de que essa imposição é nociva, fazendo-se necessária uma crítica sistemática e um esforço de manutenção e valorização de sua própria cultura.

Há que se destacar que ao lado dos percalços existe também uma crescente conscientização do hibridismo cultural dos povos, da necessidade de não se fechar, limitando-se ao seu próprio território, desafiar os dogmas e as idéias do senso comum e afastar-se do nacionalismo excludente, ou do “patriotismo ufanista”. As fronteiras tanto podem se referir às limitações geográficas quanto às fronteiras criadas pelas pessoas.

Quando se discute sobre política imigratória destacam-se as temáticas relacionadas à assimilação e à exclusão de imigrantes. As migrações podem ter muitas causas que obriguem uma pessoa a deixar seu país de origem e é certo que os imigrantes de maneira geral sofrem discriminações e preconceitos de fundo religioso, étnico ou outros que extremos nacionalistas possam criar.

A crise econômica e a instabilidade política impulsionaram o movimento das migrações internacionais. Ao chegar a outro país, torna-se um “estrangeiro”, o que favorece as manifestações raciais e preconceituosas. As migrações ocorrem geralmente pela alta taxa de desemprego nos países de origem dos migrantes e a necessidade de existência de recursos que possibilitem a viagem de um país a outro aliada à expectativa de melhores oportunidades em seus novo destino. A essência dos movimentos migratórios é a de que as pessoas saem porque não têm condições de permanecer em seu país de origem.

A vida em outro país determina a distância geográfica, mas também faz com que gradualmente vá ocorrendo a perda de contato com os costumes e tradições de sua terra, que vão se limitando ao campo das recordações. Há dois perigos para aquele que se torna estrangeiro: um seria o esquecimento, levado pelo desejo de se integrar à nova pátria em que vive; o outro seria o da lembrança, tornando-se o imigrante refém da nostalgia.

O tema do exílio traz sempre subjacente o que Said chama de uma “tristeza essencial”, porque significa um afastamento imposto, um corte abrupto das relações com a pátria e ainda o natural estranhamento da nova terra de adoção. Ele compara o exílio com a morte, mas sem a clemência da morte. Se a morte for aqui vista no sentido figurado o autor tem razão, pois longe de



todas as suas raízes, de tudo que lhe é familiar, das pessoas com as quais se criou, já não será mais a mesma pessoa, estará morto e em seu lugar um novo eu, que lutará para outra convivência.

Com o objetivo de refletir sobre essas questões, escolhi o livro *Uma mulher do século passado*, de Emma Hatzky (1890-1971) no qual a autora faz um relato autobiográfico de sua vida dividida entre a Alemanha e o Brasil. Foram seis cadernos de duzentas páginas escritas em alemão gótico entre os anos de 1953 a 1962, com a tradução de sua filha, Felícia Schütz. Todos os trechos foram extraídos deste livro e informei entre parênteses o número da página de onde a citação foi retirada.

Emma Hatzky escreveu em 1953:

Hoje, pela segunda vez, começo um relato da minha vida. [...]

Agora quero escrever em curtas descrições o que a vida me ensinou, o que ela me deu e tirou, desde a infância até a sepultura. Eu escrevo para meus filhos e netos, quero relatar a verdade, somente a verdade. (p. 14).

Portanto, aos 63 anos de idade a autora começou a escrever suas memórias. Quase todos os seus relatos foram escritos anos depois que os fatos tinham acontecido, houve tempo para conjecturar, utilizando assim o filtro da memória. Ao se redigir um diário isto não é possível, pois os registros são praticamente concomitantes aos fatos e quem os redige muito provavelmente se deixará levar pelas emoções suscitadas pelos acontecimentos. Existe uma maior possibilidade de exatidão, maior proximidade à fidelidade das experiências relatadas no diário. Já em relação ao que Emma Hatzky escreveu houve a possibilidade de selecionar, modificar, mesmo que isso tenha se dado de forma inconsciente. O tempo possibilita uma hierarquização dos fatos, uma sistematização das lembranças, a partir de uma reflexão o passado poder ser reordenado e revestido do sentido.

Uma distinção importante a ser destacada é a que se refere ao que se lembra e o como se lembra. Alguns acontecimentos são recordados pela importância que adquirem para a pessoa que escreve os relatos, aí se encontrando, como variáveis importantes, fatores ligados à personalidade de quem escreve, assim como seu temperamento e caráter. A memória poderá ser trabalhada no sentido de conservação ou então de elaboração do passado.

Os fatos relatados nos são transmitidos a partir do ponto de vista da autora, seus relatos dividem-se entre duas vertentes, ou seja, do ponto de vista da alemã contando sua vida em seu país de origem e também como a imigrante que chega a um país completamente diferente e desconhecido em busca de emprego. Seu olhar será um olhar “germânico”, mesmo estando em solo brasileiro. Possivelmente ao vir para o Brasil ela já tivesse informações sobre o país, provavelmente aquelas pertencentes ao senso comum, a imagem do Brasil feita pelo Alemanha. O mesmo ocorre no Brasil ao receber imigrantes alemães, conforme salientou Said, a “nossa” visão do “outro”.



A imigração alemã é uma das mais antigas e marcantes, tendo constituído colônias homogêneas, mantendo forte proximidade com a identidade étnica germânica. O sistema de colonização praticado no Brasil até o final do século XIX privilegiava o envio de imigrantes para regiões despovoadas, quase sempre os vales de rios, o que propiciou o isolamento e sua homogeneidade étnica. Através dos relatos de Emma pode-se perceber o forte sentido que a colônia adquire, representando uma distinção no interior da sociedade brasileira. A adaptação dos alemães no Brasil dependeu muito da escolha geográfica, a região Sul era a que oferecia condições mais próximas daquelas às quais eles estavam acostumados, mesmo assim, estavam no estrangeiro e a tentativa era a de construir aqui uma “cópia” de sua terra natal.

Em seu livro ela respeita o ritmo dos acontecimentos e vai relatando como os problemas políticos e econômicos vão se agravando e de certa forma conduzindo à resolução de procurar uma nova terra. Em 1914 ela se preparava para seu casamento e ao lado dos parágrafos sobre o enxoval, já figuravam preocupações de outra espécie:

O príncipe, herdeiro da Áustria, foi assassinado em Sarajevo por um ataque de bomba, os assassinos fugiram para a Rússia e lá foram protegidos. O acontecido foi debatido longamente no pátio da escola, também a possibilidade de um choque, mas em guerra ninguém pensava. Os ânimos foram se acalmando, mas o que acontecia por trás dos panos não chegou nada para o povo. (p. 115).

Ela traduz bem a angústia de sentir cada vez mais próximo um conflito, porque já sabia das sérias consequências advindas dele. No capítulo “Casamento, filhos, guerra e desemprego” ela explica como a guerra alterou a vida de todos e as muitas privações a que eram submetidos. Depois da derrota a situação econômica e social fica insustentável, todos são atingidos de uma maneira ou de outra.

As migrações são parte constitutiva da condição humana, o movimento de seres humanos ultrapassando as fronteiras e o encontro de culturas diferentes nunca foi exceção, mas regra. A família veio para o Brasil e eles se radicaram em Santa Catarina.

Os vínculos históricos, culturais ou linguísticos que estruturam internamente uma sociedade podem também se constituir em obstáculo aos imigrantes que são discriminados por não pertencerem a esse universo, e assim podem ser, de forma velada ou não, passíveis de exclusão. O estrangeiro que aqui chegava trazia consigo lembranças de suas raízes, usos, hábitos, costumes típicos e forma de trabalho diferentes dos brasileiros. O ambiente era então estranho, com valores diversos dos seus, isso significava um recomeçar o que na Europa já estava consolidado.

Novamente os acontecimentos políticos mudavam os rumos dessa família com a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Aqui no Brasil também já se mostrava uma intolerância em relação aos



estrangeiros. O Estado Novo no Brasil pretendia um abasileiramento cultural compulsório e há inúmeros relatos de imigrantes que tiveram que se desfazer de suas lembranças do país de origem.

Em 1938, depois de quatorze anos no Brasil, decidiram voltar para a Alemanha. No entanto, a família não voltaria junta. A filha mais velha estava para se casar, a do meio precisava terminar seus estudos, portanto seguiram para a Alemanha o casal e o filho mais novo. Ao lado da alegria de voltar à pátria, a tristeza da família dividida. Era claro que todos sofriam, tanto aqueles que iam quanto os que ficavam.

Na Alemanha, no entanto, também não se sentiram mais como antes, muito havia mudado no decorrer dos anos que ficaram no Brasil. Havia a permanente busca do lar, estavam no limiar das fronteiras, sem conseguir adaptar-se plenamente em nenhum dos dois países, com a experiência do não-pertencer; sentir opressão ao retornar ao seu país de origem após tantos anos. Se antes voltar para sua pátria seria a oportunidade de sentir-se “em casa” novamente, depois de ter se afastado por tanto tempo da Alemanha e com a família dividida voltar já não significava garantia de reencontrar-se.

No capítulo intitulado “A fuga” novamente a partida, novamente deixar tudo para trás. Portanto, depois de onze anos na Alemanha, em abril de 1949 regressaram ao Brasil, no entanto, agora era o filho mais novo que não acompanharia seus pais, ele ficaria definitivamente na Alemanha.

Os imigrantes, separados de sua terra natal, acabam se isolando na terra adotada, de certa forma evitando a constatação de que estão em país estrangeiro, fechando-se em seu círculo de recordações. Viajam para um país estranho com sentimentos dissimulados de ressentimento e melancolia e na maior parte das vezes com o firme propósito de retornar um dia; isso os impede de deslocar-se para frente, mantendo os olhos no passado. Para Said, torna-se importante compreender que não é preciso abandonar a sua nacionalidade, mas pensar a identidade local como algo que não anula a sua própria identidade enquanto indivíduo ou povo, não devendo se apegar e restringir à sua própria esfera, buscando assim uma pretensa segurança.

Através da leitura do livro de Emma Hatzky se destacam diversos aspectos registrados por Edward Said quando o autor trata da dor daqueles que por um ou outro motivo são obrigados a deixarem sua pátria, o que se ressalta é o fato de a igualdade ser o direito à diferença.

### *Bibliografia*

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1983.



- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808 – 1824 – 1974*. São Paulo: Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais “25 de Julho”, 1974.
- HATZKY, Emma. *Uma mulher do século passado*. Trad. de Felícia Schütz. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- SAID, Edward. *Orientalism*. New York: Pantheon, 1978 (traduzido para o português por Tomás Rosa Bueno como *Orientalismo* (O Oriente como invenção do Ocidente). São Paulo: Cia. das Letras, 1990).
- . *Culture and Imperialism*. New York: Knopf, 1994 (traduzido para o português por Denise Bottman como *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995).
- . *Reflections on exile and other essays*. Cambridge, Massachusetts, Harvard U.P., 2000.
- SENNETT, Richard. “El extranjero”. *Punto de Vista*, nº 51, abril/1995.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.